

PROVÍNCIA DE MANICA

COMÍCIO DA CIDADE DE CHIMOIO – 25 DE MAIO DE 2007

Província de Manica hoye!

(Hoye!)

Chimoio hoye!

(Hoye!)

Chimoio hoye!

(Hoye!)

Chimoio hoye!

(Hoye!)

Palmas)

Eu vou usar dessa oportunidade para agradecer a família, para agradecer a família de Manica. Desde que cá cheguei senti que há uma família e familiaridade muito fortes. Existe uma unidade muito forte também. E também existe um muito forte sentido patriótico. Vimos isso nas danças. Vimos isso nas mensagens. E vimos isso ao longo do caminho. Vimos isso nos locais que visitamos. Vimos que existe um forte espírito de moçambicanidade que se manifesta de forma espontânea e entusiástica. Por isso, como dizia, queria agradecer-vos por esta grande unidade, por esta grande lição.

Queríamos também agradecer pelas ofertas várias que aqui foram feitas, que reflectem a amizade – a amizade para connosco. A amizade que nós muito valorizamos. Queremos ainda agradecer pela oração que aqui foi proferida. Foi proferida uma oração que tem por objectivo ajudar-nos a termos melhor conhecimento de todo o país, das nossas necessidades e da forma como resolvermos os problemas que forem surgindo. Uma oração ajuda a iluminar o nosso caminho. O caminho de todos nós, do Rovuma ao Maputo. Aquele caminho em que trilhamos para vencer a pobreza. Muito obrigado!
(Palmas)

Eu tenho uma mensagem. Uma mensagem que são as minhas preocupações que eu vou transmitir-vos. E depois disso, vou esperar que também me transmitam as vossas mensagens. Hei-de pedir que um grupo de cidadãos, podem ser crianças, podem ser idosos, adultos, jovens, podem ser homens, podem ser mulheres que possam vir apresentar-nos... Essas mensagens que nos ajudem também a ver como remover as dificuldades que temos diante de nós. Mas antes de eu apresentar as minhas mensagens e antes de ouvir as vossas mensagens vou apresentar-vos os membros da comitiva que me acompanham.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Chimoio hoye!

(Hoye!)

(seguem-se as apresentações)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Província de Manica hoje!

(Hoje!)

Nós unidos do Rovuma ao Maputo, do Indico ao Zumbo, todos nós moçambicanos lutamos pelo mesmo objectivo. Não há nenhum moçambicano que esteja contra esse objectivo. E o objectivo pelo qual nós estamos a lutar é para acabar com a pobreza. E esta coisa dos moçambicanos se juntarem para lutarem pelo mesmo objectivo não acontece pela primeira vez na história. No passado também tivemos que lutar todos pelo mesmo objectivo, que é o mesmo que dizer que tivemos todos que nos juntarmos para lutarmos contra o mesmo inimigo. Nos anos que lá foram, há séculos, e até praticamente nos anos sessenta, nós moçambicanos todos estávamos contra o colonialismo. Nós não queríamos ser dominados por estrangeiros. Nós na nossa terra queríamos ser nós mesmos a governar. Queríamos ser nós mesmos a decidir. A decidir o queremos, onde queremos e como queremos. Mas durante esse tempo todo, apesar do esforço que nós fizemos, como fazíamos isoladamente, não conseguimos ter os resultados que queríamos!

Mas nos anos sessenta, nos anos sessenta, apareceu alguém moçambicano, Eduardo Chivambo Mondlane, e disse: **para nós vencermos o inimigo, para nós acabarmos com o colonialismo precisamos de nos unirmos. Estarmos todos juntos. Juntarmos as nossas forças e então utilizar essa força nova para o combate contra o inimigo.** E de facto, foi possível vencer o colonialismo porque nos unimos. Não tivemos medo das nossas diferenças. Compreendemos que muitas vezes que as nossas diferenças constituem riqueza. Dão-nos mais força para trabalharmos e realizarmos o nosso objectivo. E de facto, em treze anos, de sessenta e dois até mil novecentos e setenta e cinco, porque estávamos unidos conseguimos vencer o colonialismo!

E depois veio a guerra. A guerra que não nos deixava fazer nada. Não podíamos ter machamba. Não podíamos ir a escola. Até mesmo ir ao hospital era difícil. Não podíamos viajar. Mas quando voltamos a pegar na nossa unidade, na unidade de todos os moçambicanos, desde o Rovuma até ao Maputo, então foi possível vencermos a guerra e a violência acabou no nosso país. Vieram pessoas das bases. Vieram pessoas que estavam no exterior como refugiados. Vieram pessoas das cidades. Juntaram-se. Abraçaram-se e disseram: **nós somos moçambicanos, só não queremos guerra. Vamos construir a paz no país.** E a paz está sendo construída. Está sendo construída e cada vez mais forte. Cada vez mais sólida. Isto tudo porque quando nós moçambicanos, quando queremos uma coisa, queremos alcançar um objectivo, unidos, trabalhamos e vencemos.

Vencemos o colonialismo, acabamos com a guerra e instalamos a paz e agora ainda resta um inimigo. Ainda resta um inimigo. E o inimigo é a pobreza. Então a nossa tarefa de novo é todos nós nos juntarmos, unirmo-nos para combater a pobreza. Para acabar a pobreza. Para a pobreza desaparecer no nosso país. E porquê? Porque nós temos todas as condições para poder lutar e vencer a pobreza. Temos a Independência. Nós temos a

Independência. Fomos nós que decidimos o que queremos. Nós temos a paz. Podemos circular no país livremente, sem medo. E mais do que isso, temos um povo. Um povo, o povo moçambicano. O maravilhoso povo moçambicano. Com gente trabalhadora. Gente amiga. Gente que quer o bem do outro. Gente com muita frontalidade. E temos recursos. Muitos também. Muita terra. Muita água. Muitas árvores. Muitas minas. Isso tudo deixado pelos nossos antepassados. Os nossos antepassados entregaram-nos a nós. Para nós. E pertence a todos nós moçambicanos. É por isso que temos condições para combater a pobreza. Se nós utilizarmos esses recursos que nós temos, mobilizarmos bem esses recursos que nós temos, nós vamos acabar a pobreza. Não vai acabar num dia. Não vai acabar em dois dias, nem em dez dias. Vai levar anos. Mas vai acabar. Mas vai acabar. E nós sabemos perfeitamente que vai acabar, porque já vimos sinais que mostram que a pobreza está sendo vencida. Temos que pegar bem o leme deste barco para não haver desvios e para definitivamente acabarmos com a pobreza.

Eu cheguei ontem, aliás, anteontem aqui em Manica. Eu estive cá no ano passado e quando vejo Manica, vejo Manica diferente. Vejo coisas novas. Vejo mudanças. Vou dar dois ou três exemplos. Estivemos ali a ver a Escola do IMAP. Quando passamos por lá o ano passado não havia nada ali e agora está lá um grande edifício para formar professores. Quer dizer que já mudou. Naquele lugar que antes que era mato ou era capim, agora já tem edifício. E naquele lugar já se pode transformar as pessoas. Levar as pessoas a aprenderem a serem professores para resolver os problemas do nosso país. Isso é mudança!

Vou dar outro exemplo, agora aqui dentro de Chimoio. Fui ver ali a DECA. Não havia. O ano passado quando passamos por cá, estavam a construir ainda não tinham acabado, mas agora quando a gente passa por ali, a gente vê aqueles silos grandes. Parecem tambores. E ali o que é que acontece? Compram o milho. Transformam o milho. O milho fica farinha. O milho fica farelo. E isso aumenta a riqueza do país. Dá emprego as pessoas. **(Palmas)**

Agora os nossos camponeses quando produzirem o seu milho, aquilo que produzirem a mais, sabem que alguém vai comprar. Sabem que alguém vai comprar. E isso é muito importante, porque vai aumentar a produção. Isso são bons exemplos. Mas vou dar mais outro exemplo. Na província de Manica existem associações. Associações de camponeses ou de artesãos que no ano passado não tinham nada a fazer, mas esse ano já têm machamba. Juntaram-se dez pessoas. Juntaram-se quinze pessoas. Cultivam juntos ou então em separado. Mas agora ganham alguma coisa. Estão a trabalhar. Já não são tão pobres como eram no ano passado. No ano passado eram pobres. Agora também são pobres. Mas agora não são tão pobres como eram no ano passado. Alguma coisa mudou.

Vi ainda mais outra coisa. Estivemos a ver aí um hotel. Um pequeno hotel que foi criado há pouco tempo. Que apareceu de repente ali no caminho entre Gondola e a cidade de Chimoio. É novo. Novinho em folha. Já as pessoas podem ir dormir lá. As pessoas podem comer lá. **(Palmas)**

As pessoas podem trabalhar lá e ter vencimento. Aquelas pessoas que trabalham ali, no ano passado eram pobres. Não tinham nada. Esse ano continuam pobres, mas já tem alguma coisa. A vida deles mudou. As coisas em Manica estão a mudar! **(Palmas)**

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Para nós realizarmos o nosso objectivo de lutar e vencer a pobreza, devemos acreditar que a pobreza pode ser vencida. Mais do que isso, devemos acreditar que a pobreza vai acabar. Vamos vencer a pobreza. Se nós não acreditamos será difícil lutarmos para vencer a pobreza. Mas se nós acreditarmos que havemos de avançar, porque venceremos o cansaço, venceremos o desânimo para podermos realizar o nosso objectivo, porque, caros irmãos, a pobreza está lá muito longe e nós temos que chegar lá e empurrar a pobreza, para a pobreza cair e desaparecer. Temos que chegar lá. E nesse dia quando chegarmos lá e empurrarmos a pobreza e a pobreza desaparecer nós poderemos dizer: **naqueles tempos aqui em Moçambique quando havia pobreza**, e a pobreza já não estará lá. Terá passado para a história. Assim como nós hoje dizemos com muita segurança: **naqueles tempos quando em Moçambique o país era governado por estrangeiros**. Naqueles tempos. Já passou. Passam trinta e dois anos. É história. Nós é que empurrámos. Nós moçambicanos é que empurrámos para transformar o colonialismo em História. Assim como também nós hoje dizemos: **“naqueles tempos quando havia guerra em Moçambique”**. Mas a guerra já passou. Passou. Os nossos filhinhos de 10 anos, 15 anos nem imaginam o que é isso. Os nossos jovens de 20 anos pouco conhecem. Mas ouvem todos os dias contar, os pais a dizer: **“Hei filho, naqueles tempos quando havia guerra aqui, tu não podias ir para ali. Naqueles tempos quando havia guerra, nós não dormíamos aqui em casa. Quando chegava a noite tínhamos que sair da casa para ir dormir no mato”**. Naqueles tempos... Mas já está vencido aquele tempo. Passou para a História. Também queremos que um dia **(Palmas)**

Também queremos que um dia, nós que estamos aqui, possamos dizer: **“naqueles tempos quando havia pobreza e a pobreza terá acabado”**. Estaremos numa sociedade com maiores recursos. As pessoas não terão dificuldades de poder ter comida. As pessoas não terão dificuldades de poder ter água limpa. As pessoas não terão dificuldades de ter roupa para vestir. As pessoas não terão dificuldades de ter casa aonde viver. Casa de tijolo, coberta de zinco. Porque hoje, há alguns que têm mas muitos não têm. Não é verdade isso? **(É verdade!)**

Hoje, nós temos energia. Alguns têm energia. Alguns têm electricidade em casa, mas não são todos que têm energia. Hoje nós temos escola. Alguns têm escola perto, mas há outros que não têm escola perto. A escola está longe para eles. Mas nós queremos acabar com a pobreza, significa que esses recursos devem ser colocados a toda a população. E o caminho para chegar lá é irmos pouco a pouco indo resolvendo os problemas.

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Só mais duas palavrinhas. A pobreza está lá longe na montanha. Para ela acabar é só empurra-la. A força de um não chega. A força de dois não chega. A força de uma província não chega. Tem que ser todo o país a pegar na pobreza e empurrar. Mas há um problema. No caminho daqui onde nós estamos para ali onde está a pobreza, há obstáculos. Há obstáculos. Há troncos. Há rios. Há animais que passam por lá. Há pedregulhos. Para nós chegarmos lá temos que afastar para podermos passar. Mas

também o caminho é longo. A gente transpira para lá chegar. As pessoas têm que se cansar para lá chegar. As vezes as pessoas cansam-se pelo caminho. E outras vezes querem voltar. Não querem chegar lá. Nem querem ver o que é isso. Estão contra. Em vez de ir para lá viram para trás, a procura de mais pobreza. A procura de mais pobreza. Em vez de ir para lá onde vai acabar a pobreza. Isto é, há obstáculos. Há obstáculos!

Nós, todo o povo moçambicano deve ter consciência de que existem obstáculos e esses obstáculos temos que vencer. Eu darei alguns pequenos exemplos de obstáculos. Criminalidade é um obstáculo. Os criminosos não trabalham. Roubam o esforço dos outros. O espírito de deixa-andar é um obstáculo. Porque as pessoas não têm sentimento de amizade para com as outras. Vê um seu vizinho a sofrer não liga. O burocratismo é outro. É outro obstáculo. O papel é necessário. Mas o papel é para resolver o problema do povo. E o funcionário que está ali a trabalhar é obrigação dele ajudar o cidadão a preencher o papel, porque é o trabalho dele. Ele aprendeu a fazer isso. Senão vai fazer como o mecânico, que estraga o nosso carro e depois diz arranja lá. Mas quem arranja é o mecânico. Eu não sei arranjar carro, por isso é que fui ter com o mecânico. Também quando vou a uma repartição, preenchi o meu papel e quando o papel está mal preenchido quem vê isso é o funcionário e em vez de dizer vai lá preencher bem, ele deve sentar-se junto com ele e dizer: **“irmão ou irmã, aqui faz-se assim. Aqui preenche-se assim. Vai lá sentar ali. Vai preencher”**. O trabalho dos funcionários é para facilitar a vida do cidadão. Não é para dificultar a vida do cidadão. Não é para complicar a vida do cidadão. São obstáculos. Quando os papéis demoram, também demora a riqueza a chegar. Quando os papéis demoram incentiva o roubo. **(Palmas)**

Por isso mesmo, nós temos que remover os obstáculos. Temos que remover os obstáculos. Há outro obstáculo. A corrupção. Também deve ser combatida para nós podermos vencer. **(Palmas)**

Mas há outros obstáculos, que não são dessa natureza, mas são obstáculos que enfraquecem o organismo ou que fazem as pessoas perder a vida. Estou a falar das doenças: Malária. Tuberculose. SIDA e outras doenças.

Nós temos que nos acautelar para não nos tornarmos alvos, senão não vamos conseguir chegarmos lá onde nós queremos chegar. Nós queremos combater e vencer a pobreza. Nós vamos vencer a pobreza. Nós, povo moçambicano, no passado vencemos gigantes. Vencemos o colonialismo. Vencemos a guerra. Como resultado ficamos independentes. Como resultado estamos todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo a construir a paz. A consolidar a paz. A desenvolver a harmonia entre os moçambicanos. Com esta experiência nós podemos e vamos vencer a pobreza. E para vencer a pobreza precisamos acreditar que somos capazes de a vencer. Precisamos de saber que todos os moçambicanos juntos temos que empurrar a pobreza para a vencer. E que a pobreza há-de ir diminuindo pouco a pouco. E neste processo temos que remover os obstáculos. Temos que remover os obstáculos ao desenvolvimento!

Agora eu queria ouvir as vossas mensagens. Eu vou chamar dez cidadãos para virem nos apresentar e aconselhar como é que nós podemos avançar para termos resultado e chegarmos e podermos empurrarmos todos nós a pobreza. Aquilo que eu peço é que os que vierem aqui falar não repitam aquilo que os outros disserem. Isso vai fazer com que nós tenhamos mais conselhos.

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Chimoio hoje!

(Hoje!)

Unidade Nacional hoje!

(Hoje!)

Muito obrigado!

(Palmas)

(seguem-se as preocupações da população)

COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE MACOSSA – 23 DE MAIO DE 2007

Primeiro queria dizer que estamos muito contentes por nos encontrarmos aqui em Manica. **(Palmas)**

Também estamos contentes por vermos que a população de Macossa também está satisfeita. Estamos ainda contentes por ver que a população vizinha – Tambara, Guro – também está contente. E nós vimos esta alegria nas danças. Ouvimos nas canções. Mas também vimos de maneira muito marcante e muito forte na cerimónia nossa de evocação dos nossos espíritos. Isto dá-nos a certeza de que aquilo que estamos a fazer está sendo feito em conformidade com a vontade dos nossos antepassados.

Os nossos antepassados são as nossas raízes. É de lá onde nós viemos. Eles é que nos deixaram a terra. Eles é que nos deixaram as árvores. Eles é que nos ensinaram a língua. Eles é que nos ensinaram a trabalhar. Eles é que nos ensinaram a cultivar. Eles é que nos fizeram moçambicanos. Por isso, quando se evoca os nossos espíritos para eles estarem satisfeitos e eles ficam satisfeitos, nós também ficamos satisfeitos. Por esta alegria toda eu queria agradecer a população aqui presente. **(Palmas)**

Quero agradecer também pelas ofertas. As ofertas aqui anunciadas. Ofereceram milho. Ofereceram galinha. Ofereceram cabrito. Ei, não vou dizer tudo! Ofereceram aquilo que utilizam e aquilo que precisam no dia-a-dia. E decidiram que em vez de ser utilizado por vós, ofereceram-nos a nós. Este espírito de solidariedade e de generosidade moçambicana é exemplar e por isso ensina. Ensina. Ensina a todos nós que o povo moçambicano se preocupa com o bem-estar de outros dentro da família moçambicana. Quando os moçambicanos sofrem, outros moçambicanos também sofrem. Quando há moçambicanos que se alegram, outros moçambicanos também se alegram. E quando há moçambicanos que necessitam, que precisam, então os outros moçambicanos preocupam-se em ajudar aqueles que necessitam a encontrar aquilo que necessitam.

Vamos tomar esta oferta, particularmente a parte de comida, como uma oferta de solidariedade, e que a população de Macossa aproveitou-se da nossa presença para ajudar os outros moçambicanos que são necessitados. Nós temos sim muitos moçambicanos necessitados: há filhos, jovens nossos que vivem nos lares das escolas e que nem sempre tem comida suficiente. Então quando receberem um pouco daquilo que ofereceram vai reforçar a comida que eles precisam. Nós temos órfãos, criancinhas que perderam o pai e a mãe por vários motivos e que não sabem o que vão comer hoje, o que vão comer amanhã. Alguns deles vivem nos orfanatos. Esta comida vai ajudar pelo menos por um

dia para que algumas das nossas criancinhas possam ter de comer.

Há também doentes – doentes de SIDA. SIDA é uma doença que enfraquece. A pessoa sente-se fraca, perde forças. Mesmo hoje que nós temos tratamento em muitos distritos, quando o doente de SIDA recebe o tratamento – o medicamento – sem comida apropriada, sem comer bem, este medicamento não produz os efeitos necessários. Por isso, também pegaremos uma parte dessa comida para dar os nossos irmãos que sofrem de SIDA para poderem – tomando os medicamentos – resistirem mais! Muito obrigado mais uma vez Macossa! **(Palmas)**

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Macossa hoye!

(Hoye!)

Eu hoje tenho duas mensagens. Duas mensagens para vos transmitir. Estas mensagens mostram as preocupações que eu tenho. Eu espero que depois de eu apresentar as minhas mensagens, vou também ouvir as vossas mensagens. Pediremos alguns cidadãos para virem aqui e também darem a sua contribuição para o crescimento do nosso país. Mas antes de ouvirem a minha mensagem e antes de eu ouvir a vossa mensagem, vou apresentar-vos aqueles que estão na minha comitiva. São dirigentes do nosso belo Moçambique, preocupados com os problemas e as dificuldades do nosso povo e que lutam com todas as suas forças para que essas dificuldades vão diminuindo. Por isso achei que seria bom que os conhecessem.

(seguem-se as apresentações)

(...) Temos danças diferentes e temos tradições diferentes. Isso é que divide o povo moçambicano. E isso são os problemas de Moçambique. Eduardo Mondlane diz que não. Bem pelo contrário, essas diferenças todas não são um problema. São uma vantagem. Constituem uma riqueza. Uma riqueza dos moçambicanos. Quer dizer que os moçambicanos têm muitas línguas. Quer dizer que os moçambicanos têm muitas tradições. Quer dizer que os moçambicanos têm raças diferentes. Isso tudo mostra que cada uma dessas coisas deve ser tomada como património, como riqueza de todos moçambicanos. Por isso, se juntarmos essas coisas diferentes e pormos isto tudo a realizar o mesmo objectivo, então havemos de ver a vitória. Havemos de vencer os nossos adversários. De facto, nós quando analisamos bem: nós estamos todos aqui, somos iguais? Há homens, há mulheres, são iguais? **(Não!)**

São? **(Não!)**

Mas o lar faz-se com um homem e uma mulher! A família faz-se com um homem e uma mulher, que são diferentes! Aqui nós temos crianças, jovens, adultos e velhos, mas estamos todos juntos aqui e nós todos dizemos que somos moçambicanos. Cada um utiliza a sua situação para reforçar a posição moçambicana. Até podemos dar outro exemplo: estivemos a ver aqui danças. As danças que vimos aqui mostram de novo que há diferenças: há aquele que entoa; há aquele que acompanha; há aquele que dança da sua maneira; há aquele que toca o aparelho, o tambor. Todas essas diferenças são para tornar o espectáculo bonito. Para sair uma coisa boa é preciso juntar coisas diferentes. E essas coisa todas estarem ao serviço de um mesmo objectivo. Por isso, Mondlane disse

que a diferença não é problema. A diferença é a solução do problema. Se juntarmos a diferença para realizarmos o mesmo objectivo não há inimigo que possa bater-nos. Nós seremos invencíveis. Vamos alcançar aquilo que nós queremos. E de facto, e de facto, em treze anos desde que se formou a Frelimo até a Independência – em treze anos desde que os moçambicanos compreenderam que as diferenças eram riqueza e utilizaram essa riqueza para combater o colonialismo, em treze anos foi derrotado o colonialismo e os moçambicanos passaram a dominar a sua terra. Os colonos tinham estado aqui quinhentos anos. Quinhentos anos! Quinhentos anos é muito tempo, mas em treze anos foram tirados quinhentos anos!

Sabem o que é que significam quinhentos anos?

Dentro dos quinhentos anos, nasceram, nasceram, cresceram os nossos pais!

Dentro destes quinhentos anos, nasceram, cresceram os nossos avós!

Dentro dos quinhentos anos, nasceram, cresceram, morreram os pais dos nossos avós!

Dentro dos quinhentos anos, dentro dos quinhentos anos nasceram, cresceram, morreram os pais, dos pais, dos pais, dos pais dos nossos avós! É muito tempo! É muito tempo mesmo. Mas esse muito tempo de dominação colonial foi vencido pelos moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, em treze anos! Em treze anos!

Treze anos uma criança de treze anos é uma criança. Porque neste momento nós aprendemos de que as nossas tribos e as nossas raças são uma riqueza. Nós aprendemos que as nossas tradições, as nossas danças são outra riqueza. Nós aprendemos que a nossa vontade comum de combater os nossos inimigos se realiza melhor quando nós estamos todos juntos. Quando nós trabalhamos todos juntos. Quando juntamos as nossas diferenças. É por isso que nós valorizamos a nossa unidade. Porque a nossa unidade é que é a força, a fonte da força para combater os nossos inimigos. Nós tivemos depois da Independência aqui uma guerra. Estávamos na nossa terra, mas não andávamos a vontade. Tínhamos dificuldades. Mas quando os moçambicanos decidiram, mais uma vez valorizar esta arma chamada unidade, de novo os moçambicanos se juntaram: vieram das cidades; vieram do mato; vieram de todo o lado e juntaram-se. E dissemos: somos irmãos! Somos os mesmos! Este território do Rovuma ao Maputo é igualmente de todos nós! Vamos acabar com a guerra! A guerra acabou. A guerra acabou! E semeamos a paz. E a paz já está forte, firme porque aceitamos que as diferenças quando aparecem devem ser utilizados de novo de maneira a servir o mesmo propósito. E neste momento o que importa é a construção deste Moçambique. É valorizar aquilo que os nossos antepassados deixaram para nós. E o que é que os nossos antepassados gostariam de ver de Moçambique? O que é que nós os seus netos iremos ver de Moçambique? É um Moçambique em que a pobreza deixou de existir. Não há pobreza. É este Moçambique que queremos ver. É este Moçambique que Eduardo Mondlane sonhava (...)